

# **AS 100 PALAVRAS DE FREUD**

JACQUES ANDRÉ



# AS 100 PALAVRAS DE FREUD

JACQUES ANDRÉ

*tradução* Márcia Valéria Martinez de Aguiar





# Sumário

Prefácio	9		
Modo de usar	11		
ABSTINÊNCIA	13	CURA	43
ACRÓPOLE ( Pai )	14	<i>DARK CONTINENT</i>	
AFETO	16	( Sexualidade feminina )	44
AMAR / ODIAR		DELÍRIO DE MASSA	
( Ambivalência )	17	( Religiões )	46
ANAL, ORAL	19	DEPRECIAÇÃO	47
ANGÚSTIA	20	DESEJO DE CRIANÇA	
<i>A POSTERIORI</i>		( Mãe-Filho )	49
( <i>Nachträglichkeit</i> )	22	DORA	50
ASSASSINATO	23	DOMINAÇÃO	52
ATO FALHO	25	DOSTOIÉVSKI	53
AUTOEROTISMO	26	DOR	55
BISSEXUALIDADE	27	ÉDIPO	56
CASTRACÃO	29	EROS	58
CENA ORIGINÁRIA,		ESQUECIMENTO	
CENA PRIMITIVA	31	( Lembrança encobridora )	59
CHISTE ( <i>Witz</i> )	33	ESTADO DE DESAMPARO	
CISÃO	34	( <i>Hilflosigkeit</i> )	61
CIÚME	36	ESTRANHO FAMILIAR	
CONFLITO PSÍQUICO	37	( <i>Unheimliche</i> )	62
CONTRATRANSFERÊNCIA	39	EU	64
CULPA	40	EU IDEAL	66
CULTURA MINO-MICÊNICA		FALA ( Linguagem )	67
( Mãe-Filha )	42	FALO	68

FANTASIA	70	PASSIVIDADE	119
FETICHISMO	72	PERVERSÃO	120
FIM DE ANÁLISE	73	PRAZER	122
<i>FORT-DA</i> ( Ausência )	75	PROIBIÇÃO DO INCESTO	123
<i>FÜHRER</i>	76	PROJEÇÃO	125
GUERRA	78	PSICANÁLISE	127
HAMLET	79	PSICOSE	128
HANS	81	PULSÃO DE MORTE	130
HOMEM DOS LOBOS	82	PULSÕES SEXUAIS, PARCIAIS	132
HOMEM DOS RATOS	84	RECALQUE	134
HOMOSSEXUALIDADE	86	REGRA FUNDAMENTAL	136
HISTERIA	87	REGRESSÃO	137
IDENTIFICAÇÃO	88	REPETIÇÃO	139
INCONSCIENTE ( Id, Isso )	90	RESISTÊNCIA	141
INVEJA DO PÊNIS	92	ROMANCE FAMILIAR	143
INTERPRETAÇÃO		ROMA	144
( Construção )	93	SAÚDE PSÍQUICA	
LEONARDO DA VINCI	95	( Plasticidade )	146
LIBIDO	96	SCHREBER ( Paranoia )	148
LUTO	98	SEDUÇÃO	150
MAL-ESTAR NA CULTURA	100	<i>SEHNSUCHT</i>	151
MASOQUISMO ( Sadismo )	101	SEIO	153
MEDUSA	103	SEXUALIDADE INFANTIL	154
MEFISTO	104	SINTOMA	156
MELANCOLIA ( Mania )	106	SONHO	158
MOISÉS	108	SUBLIMAÇÃO	160
MORTE	109	SUPEREU ( Superego )	162
NARCISISMO	111	TEORIA ( Metapsicologia )	164
NEGAÇÃO	112	TERNURA	165
NEUROSE OBSESSIVA	114	TRANSFERÊNCIA	167
NIRVANA	116	TRAUMA	169
OBJETO	117	VERDADE	171

# **AS 100 PALAVRAS DE FREUD**





## Prefácio

A obra de Freud é uma das principais contribuições à cultura do século 20. É impossível limitar sua repercussão à prática da psicanálise, já que essa obra deu à proposição de Rimbaud, “*Eu é um outro*”, uma consistência sem igual. O ser humano em sua interioridade não é o mesmo antes e depois de Freud. Quem ainda pode alegar cansaço quando comete um ato falho?

As 100 palavras de Freud... Quantas ainda não faltam para fazer justiça à fecundidade da sua obra? São muitas... Este livro não é um minidicionário. Dicionários de psicanálise não faltam, a começar pelo primeiro deles, até hoje nunca superado: o *Vocabulário da psicanálise* de Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis.

As palavras de Freud são conceitos (inconsciente, recalque...), termos da linguagem cotidiana cujo sentido a psicanálise enriquece ou desloca (ciúmes, morte, negação...) ou, ainda, referências culturais inseparáveis do homem que era Freud (Acrópole, Hamlet, Leonardo da Vinci, Mefisto...)

O inconsciente, o mais acerbo núcleo da vida psíquica, não tem fronteiras. Para além do trio neurose-psychose-perversão, seus “atos falhos” se imiscuem na vida cotidiana e nem a própria “norma” lhe escapa. As religiões, a dupla Führer e massa, criador e obra de arte...

O inconsciente mistura seus efeitos com o trabalho da cultura.

Apenas a morte colocou um termo à reflexão de Freud. Ao primeiro dualismo autoconservação/sexualidade sucedeu a dupla Eros e pulsões de morte, mas sem que um apagasse o outro. Até o final, a obra freudiana permaneceu aberta. A tentativa de 1915 de criar uma síntese da teoria, da metapsicologia, permaneceu inacabada, e seu projeto foi definitivamente abandonado. Estas “100 palavras” esperam ser fiéis a esse pensamento em movimento.

## **Modo de usar**

O asterisco (\*) indica que o termo ou a expressão que o precede é um verbete.

A flecha (→) remete a verbetes que fornecem informações complementares.



## ABSTINÊNCIA

Em seu leito, um agente de seguros ateu e gravemente enfermo recebe a visita, por iniciativa dos familiares, de um homem religioso que deve convertê-lo antes de morrer. A conversa dura tanto tempo que aqueles que estavam aguardando se enchem de esperança. A porta do quarto do doente finalmente se abre. O descrente não foi convertido, mas o pastor contratou um seguro.

Substitua o doente pelo analisando e o pastor pelo psicanalista, e você obterá a moral da anedota freudiana: ceder ao paciente é um erro de cálculo, pois isso não somente não ajuda na “liberação da neurose”, como acontece o contrário, um reforço dos sintomas, um enclausuramento na repetição. A variante histérica do amor de transferência impõe, mais do que qualquer outra, esta exigência: a técnica analítica obriga o psicanalista a “recusar à paciente, ávida de amor, a satisfação pedida. É preciso que o tratamento seja praticado na *abstinência*”. É uma questão de ética, mas mais ainda de técnica e de método. Se o analista *se recusa* a proporcionar a satisfação esperada, a dar conselhos e outras seguranças, a partilhar uma certa familiaridade... é a fim de preservar toda a energia e intensidade da transferência\* e de sua expressão na fala\*, energia e intensidade sem as quais a interpretação\* não atinge o seu objetivo. Deve-se deixar subsistir no paciente “necessidade e aspiração, enquanto forças que levam ao

trabalho e à mudança, e evitar apaziguá-las com sucedâneos”. Angústia\* e sofrimento não são apenas adversários, mas são também forças pulsionais, motores de mudança. “Por mais cruel que isso possa parecer, precisamos cuidar para que o sofrimento do paciente não encontre um fim prematuro”. Decomposto rápido demais, o sintoma\* “erige-se novamente em algum outro lugar”. Pode-se fugir na cura\*.

Essa privação no interior do tratamento comporta um risco, o das satisfações e outras compensações precipitadamente buscadas no exterior. Abstinência é uma coisa, ascetismo, outra.

## ACRÓPOLE ( Pai )

“O que diria o senhor nosso pai, se pudesse estar aqui agora?” É de ninguém menos que Napoleão, coroado rei (da Itália), que Freud empresta as palavras para exprimir seu sentimento de estranheza por ter chegado até ali: do alto da Acrópole, abarcar Atenas com o olhar. Chegar aonde o pai nunca foi, traçar o seu caminho melhor que ele, superá-lo. Misto de transgressão e de culpa que leva Freud (então com 48 anos) à beira da despersonalização (tornar-se estranho a si mesmo, *Entfremdung*): um se vê pura e simplesmente no topo da Acrópole, um outro Eu\* não acredita: *too good to be true!*

A Jung, que lhe escreveu que na época do matriarcado original o pai era “fortuito como o ar... Não havia filhos do pai”, Freud respondeu: “Deve ter havido em todos os tempos filhos do pai. O pai é aquele que possui sexualmente a mãe”. Freud situa essa dupla pai-filho na origem do processo civilizador. “No começo era o Ato”; o assassinato\* do primeiro pelo segundo (auxiliado pelos irmãos) faz menos desaparecer o pai do que estabelecer o seu culto. De rival odiado, ele se torna um deus adorado. Mito antropológico e fantasia edipiana se misturam de maneira inextrincável. “A passagem da mãe ao pai é uma vitória da vida do espírito sobre a vida sensorial, um progresso da civilização, pois a maternidade é atestada pelo testemunho dos sentidos, enquanto a paternidade é edificada sobre uma dedução e sobre um postulado”. A uma é atribuída a natureza, a outra a cultura; a uma a geração, a outra a inscrição na filiação e a obediência à lei. Essas palavras testamentárias de *O homem Moisés* retomam, quase literalmente, as do jovem Freud em carta ao amigo Fliess que acabara de ter um filho: “Saudações ao pai que encontrou o meio de restringir a potência do sexo feminino... Não mais confiando na aparência dos sentidos como a mãe, ele recorre às potências superiores para reivindicar seu direito”.

Como separar a crença infantil da teoria pacientemente elaborada?

## AFETO

*Affekt*, Freud empresta esta palavra da psicologia alemã. Contudo, como toda palavra que entra na psicanálise, ela vê, por seu encontro com o inconsciente, seu sentido se deslocar.

O afeto terá uma longa história. Seja qual for o motivo atual, o estado afetivo, da alegria à tristeza, contém um fundo de repetição “de experiência vivida carregada de significação”. Um presente prenhe de um passado que se ignora, como uma reminiscência. O que fica ainda mais evidente quando o sentimento é inadequado à circunstância: “Eu não senti nada quando minha mãe morreu, solucei como uma criança quando meu cachorro morreu”. O afeto é migratório, desloca-se de uma representação a outra: ou permanece “preso” e não consegue mais se expressar, ou se transforma, eventualmente em seu contrário, quando um prazer que se tornou culposos converte-se em aversão. “A transferência com relação ao analista é especificamente apta a favorecer o retorno das relações afetivas”, as que o recalque\* apagou ou deslocou.

O afeto é o inconsciente que *toca* no corpo. “Da expressão do rosto às secreções, passando pela circulação sanguínea, nada do corpo escapa à influência do medo, da cólera ou do êxtase sexual”. A tristeza tira o apetite e o amor permite “readquirir os signos característicos da juventude”. Há sempre mais “diarreias entre os vencidos que entre os vencedores”. Nada melhor que o afeto



para desmentir a divisão entre alma e corpo. “A psique é extensa, nada sabe a esse respeito”.

Acontece também de o afeto perder a sua mobilidade, de contribuir para o “dano permanente do Eu”: a exemplo do histérico sempre pronto para o conflito, do obsessivo cheio de recriminações, do paranoico que não perde a oportunidade de acusar, ou do melancólico que nunca se separa de seu luto.

## AMAR / ODIAR ( Ambivalência )

“Porque César me amava, eu o choro... Porque era ávido de dominação, apunhalei-o à morte” (Shakespeare, *Júlio César*). Um pequeno “Brutus” dorme em cada um de nós, um Brutus que nada odeia mais do que aquilo que ama, dividido por um “conflito de ambivalência, um amor bem fundado e um ódio não menos justificado, ambos dirigidos para a mesma pessoa”. As pulsões sexuais participam disso, mas, por serem “parciais” (recortando o corpo em pedaços e outros orifícios), não bastam. A elas deve-se juntar a ação do Eu\*, sua tendência à síntese; o amor ou o ódio sempre visam uma “pessoa total”.

“Devemos os mais belos arroubos de nossa vida amorosa à reação contra a pulsão hostil que sentimos dentro de nós”. Mas é, contudo, a outra transposição, mais

observável, do amor em ódio, que retém principalmente a atenção de Freud. Essas reviravoltas sempre possíveis de um ou outro em seu contrário fariam, assim, do amor e do ódio coisas simétricas? Eles não derivam da “cisão de um elemento original comum, eles têm origens diversas”. Progressivamente impõe-se à Freud a ideia do caráter *primário* do ódio, que se confunde com a primeiríssima construção do Eu: “O exterior, o objeto, o odiado, seriam, nos primórdios, idênticos”. O amor, por seu lado, coincidiria com a passagem do parcial ao total: é quando se perde o primeiro objeto\* de satisfação (o seio\*) que se constituem “a representação global da pessoa” e o amor que a criança lhe dedica.

O fato de estar assim intimamente ligado à experiência da perda faz do amor uma experiência psíquica perigosa: “Nunca estamos mais privados de proteção contra o sofrimento do que quando amamos, nunca estamos mais infelizes e desamparados do que quando perdemos o objeto amado ou o seu amor”. Se amor rima com perda, ódio rima com dominação\*... Basta um único passo para que o amor seja substituído pelo ódio e para que seja este último, carregado de um “caráter erótico” (tingido de crueldade), que forneça uma garantia para a “continuidade da relação amorosa”!

## ANAL, ORAL

“Quando vemos uma criança saciada largar o seio, deixando-se inclinar para trás e adormecer, com as bochechas vermelhas e um sorriso bem-aventurado, não podemos deixar de nos dizer que esta imagem permanece sendo o protótipo da expressão da satisfação sexual na existência ulterior”. A vida sexual não espera o passar dos anos. A boca (os lábios) é o primeiro sexo, antes que os prazeres polimorfos ganhem o corpo inteiro. Acontece de ela assim permanecer pelo resto da vida pelos prazeres da boca ou, ao contrário, pela “recusa do sexual”, como na anorexia.

O erotismo oral não é simplesmente desejo-prazer, é também relação. A ingestão é uma *incorporação*, um modo de tornar seu o primeiro objeto: “O seio é um pedaço do Eu, eu sou o seio”. Uma relação logo ambivalente, quando o sugador se converte em canibal. As palavras dos amantes guardam essa lembrança: “Eu poderia te devorar por amor”. Um passo adiante, em direção ao ódio, quando no fundo da angústia de envenenamento descobrimos os vestígios de um “seio que se recusa”.

O ânus compartilha com a boca o fato de ser um lugar privilegiado de comunicação entre o dentro e o fora, entre a criança e aquela cujos cuidados são “uma fonte contínua de excitação”. O erotismo anal traz a marca dessa troca: “No momento da defecação, a criança se encontra frente a uma primeira decisão, escolher entre a posição narcísica e

a de amor objetal. Ou ela cede docilmente o excremento, o “sacrifica” ao amor, ou o retém para a satisfação autoerótica, mais tarde para a afirmação de sua vontade”. Ou ainda de sua teimosia... A sexualidade anal forja o caráter, a sovinice (o dinheiro constipado) lhe deve tudo.

*Fazer* ou não... Destruir ou possuir? O sadismo, sua dominação\* sobre o objeto, tem no erotismo anal suas raízes mais profundas. A violência do insulto segue, muitas vezes, o mesmo registro. Estranhamente (indício de recalque?), é em latim que Freud com frequência nomeia a coisa: *podice nudo, nates, a tergo, more ferarum, inter urinas et faeces...*

Mas o erotismo anal é também um poderoso motor de simbolização, o que transforma fedor em perfume, e escatologia em razão pura. Freud chega até a imaginar que o gesto constitutivo do ser cultural, a conquista da postura ereta, “o nariz empinado”, deve muito ao recalque\* olfativo das partes baixas!

## ANGÚSTIA

*Angustiae*, a estreiteza do caminho em direção à saída faz o coração palpitar e a respiração ofegar... É como se a angústia futura abrisse, na experiência do nascimento, suas futuras vias somáticas. Que esse momento seja também o da separação com aquela que se tornará o primeiro